

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR OBSERVADOS PELOS PIBIDIANOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO DISRUPTIVO.

CHALLENGES IN SCHOOL EDUCATION OBSERVED BY PIBID PARTICIPANTS: A CASE STUDY ON LEARNING DIFFICULTIES AND DISRUPTIVE BEHAVIOR.

Ana Joice M. de Paula

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitários São José, Bolsista do PIBID

Jéssica Barroso de P. Rocha

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitários São José, Bolsista do PIBID

Leticia Julio da Silva

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitários São José, Bolsista do PIBID

Marcia Aparecida da Silva Oliveira

Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitários São José, Bolsista do PIBID

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Docente Assistente do Curso de Pedagogia do Centro Universitários São José, Coordenadora de Área do PIBID, Bacharel em Comunicação Social/UGF, Licenciada em Pedagogia/SIMONSEN e Professora Mestre em Educação/UERJ

RESUMO

Este estudo investiga os desafios enfrentados no contexto escolar em relação às dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos, com foco no estudo de caso de um aluno do ensino fundamental, cujo nome foi omitido para preservar sua identidade, sendo referido como "Verde". A proposta foi desenvolvida pelos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tiveram a oportunidade de analisar o aluno e sugerir intervenções pedagógicas eficazes. As dificuldades discutidas incluem dislexia, discalculia, disortografia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), bem como os comportamentos disruptivos resultantes dessas condições. O estudo fundamenta-se nas teorias de Vygotsky, Freire, Libâneo e Damásio, destacando a importância da mediação pedagógica, da autonomia do aluno e da regulação emocional. Conclui-se que uma abordagem multidisciplinar, envolvendo professores, psicopedagogos e a família, é essencial para promover um ambiente escolar acolhedor e inclusivo.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, Comportamento disruptivo, PIBID, Intervenção pedagógica, Inclusão escolar.

ABSTRACT

This study investigates the challenges faced in the school context regarding learning difficulties and disruptive behaviors, focusing on the case study of a real elementary school student, referred to as "Verde" to protect his identity. The project was developed by participants of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID), who analyzed the student and suggested effective pedagogical interventions. The study discusses learning difficulties such as dyslexia, dyscalculia, dysgraphia, and attention deficit hyperactivity disorder (ADHD), as well as the disruptive behaviors resulting from these conditions. Based on the theories of Vygotsky, Freire, Libâneo, and Damásio, it highlights the importance of pedagogical mediation, student autonomy, and emotional regulation in addressing these challenges. It concludes that a multidisciplinary approach, involving teachers, psychopedagogists, and the family, is essential to foster a welcoming and inclusive school environment.

Keywords: Learning difficulties, Disruptive behavior, PIBID, Pedagogical intervention, School inclusion.

INTRODUÇÃO

A educação escolar tem um papel crucial na formação integral dos indivíduos, sendo responsável não apenas pela instrução formal, mas também pelo desenvolvimento de competências sociais e emocionais. No entanto, desafios como as dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos, observados na escola campo pelos pibidianos, muitas vezes comprometem esse processo. Essas dificuldades afetam não apenas o desempenho acadêmico do aluno, mas também a dinâmica da sala de aula e a interação entre os pares.

A presente pesquisa foi proposta aos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o objetivo de analisar os desafios enfrentados por alunos com dificuldades de aprendizagem e sugerir intervenções pedagógicas adequadas. O estudo de caso, aqui denominado "Verde", foi realizado para preservar a identidade do aluno, mas retrata uma situação real observada pelos pibidianos.

Diante disso, este estudo visa explorar como as dificuldades de aprendizagem e os comportamentos disruptivos influenciam o processo de ensino-aprendizagem e propor intervenções baseadas em teorias educacionais de autores como Vygotsky, Freire, Libâneo e Damásio.

METODOLOGIA

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, caracterizada pela análise detalhada de fenômenos educacionais em um contexto específico. Segundo Gil (2008), os estudos de caso qualitativos são valiosos para compreender situações complexas, como o impacto das dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos no ambiente escolar. A metodologia incluiu observações diretas em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com professores, psicopedagogos e familiares, além da análise documental de relatórios escolares.

Os dados coletados foram analisados à luz das teorias de Vygotsky, Freire e Libâneo, permitindo uma compreensão ampla dos fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem do aluno "Verde", escolhido como estudo de caso pelo grupo de pibidianos, por apresentar dificuldades de aprendizagem e comportamento disruptivo. O estudo de caso, conforme sugerido por Gil (2008), é uma estratégia metodológica adequada para explorar em profundidade as intervenções educacionais necessárias.

A ESCOLA CAMPO

A Escola Municipal Domingos Paschoal Cegalla está localizada na Rua Albano, nº 50, no bairro Praça Seca, Rio de Janeiro. Situada em uma rua transversal à via principal do bairro, a Rua Cândido Benício, que liga bairros da zona norte à zona oeste, incluindo a Barra da Tijuca, a escola está inserida em uma área predominantemente residencial. Ao

seu redor, encontram-se casas com grandes terrenos e dois condomínios. Além disso, está próxima das comunidades “Batô Muche” e “Chacrinha”, que são conhecidas por enfrentarem conflitos com certa frequência.

A estrutura da escola assemelha-se a uma casa adaptada para atender às necessidades escolares. Na entrada da edificação principal, encontram-se a secretaria, a sala da direção, a sala de recursos multifuncionais, a sala de leitura, o refeitório, a cozinha, uma despensa e banheiros destinados aos professores e funcionários. Nos fundos, existem banheiros infantis adaptados. Ainda na parte de trás, há outra construção que abriga cinco salas de aula. Com o término de uma reforma recente, mais duas salas de aula e dois banheiros infantis foram adicionados na área dos fundos. As salas dessa nova construção têm capacidade para 25 alunos e estão equipadas com datashow e notebook, enquanto as da construção anterior acomodam até 15 alunos.

Ao lado da construção principal, há um espaço aberto extenso, e na parte frontal, um pátio coberto onde são realizados eventos e cerimônias. A área dos fundos conta com árvores frutíferas e uma pequena horta.

A escola atende cerca de 200 alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, com uma média de dois alunos de educação especial por sala de aula.

A equipe da escola é composta por uma diretora, uma vice-diretora e um coordenador pedagógico. Entre os funcionários de apoio estão uma secretária, uma agente educadora, uma agente de apoio ao ensino especial, quatro merendeiras readaptadas, três merendeiras e duas agentes de serviços gerais. O corpo docente conta com sete professores generalistas e cinco especialistas, responsáveis pelas disciplinas de inglês, educação física, artes visuais, sala de leitura e estudo orientado. Além disso, três estagiários prestam apoio à educação especial.

Uma escola campo é acolhedora e inclusiva, pois se preocupa em oferecer a todos os alunos, independentemente de suas habilidades, características ou contexto social, as condições necessárias para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades. O ambiente escolar não se limita apenas à dimensão física, mas envolve práticas pedagógicas e relacionais que visam ao respeito às diferenças, à valorização de cada indivíduo e à promoção de um aprendizado equitativo. Nesse sentido, a escola campo é estruturada de maneira a oferecer mediações e assistências, proporcionando um ambiente onde todos possam avançar no processo de aprendizagem, respeitando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. De acordo com Paulo Freire (2004), o educador deve criar condições para que o aluno seja sujeito de sua própria aprendizagem. Segundo ele, o processo educacional deve ser dialógico, acolhendo as experiências e o contexto de cada aluno, de forma a promover uma educação transformadora e libertadora. Freire afirma:

A escola segue os princípios freirianos, porque vê os alunos em sua totalidade —com histórias, contextos e conhecimentos prévios. Para Freire, acolher significa respeitar essas individualidades e, por meio de um diálogo autêntico, construir o conhecimento junto ao aluno, valorizando suas contribuições.

A escola campo também é inclusiva. César Coll e Mauri (2006) reforçam a importância de uma escola inclusiva ao falar sobre a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas às necessidades dos alunos. Para esses autores, uma escola verdadeiramente inclusiva precisa estar atenta não só ao currículo, mas também ao ambiente emocional, social e cultural dos alunos. Eles argumentam que a inclusão não se limita a integrar fisicamente os alunos com diferentes capacidades, mas envolve a criação de condições que favoreçam o aprendizado e a participação ativa de todos. Para

isso, é necessário que a escola adote uma postura reflexiva e aberta, capaz de modificar suas práticas para atender à diversidade.

Uma escola acolhedora também é aquela que reconhece a importância do bem-estar emocional no processo de aprendizagem, o que pode ser observado em cada um dos profissionais da escola campo. Segundo Damásio (1996), as emoções desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e na capacidade de aprender. A escola precisa ser um espaço seguro, onde os alunos possam expressar suas emoções e se sentir valorizados. O acolhimento emocional é, portanto, uma peça-chave para uma escola inclusiva. Se o aluno se sente seguro e aceito, ele estará mais disposto a participar ativamente do processo de aprendizagem, evitando comportamentos disruptivos ou situações de exclusão. Nas palavras de Damásio, "A educação emocional é parte fundamental da aprendizagem, pois emoções não gerenciadas adequadamente podem interferir negativamente no processo cognitivo" (1996, p. 121).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica é um pilar essencial para compreender os fenômenos que afetam o processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que diz respeito às dificuldades de aprendizagem e aos comportamentos disruptivos. Esses conceitos precisam ser explorados em profundidade para que possamos entender suas implicações na prática educacional e propor intervenções eficazes.

Dificuldades de Aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem constituem um conjunto de transtornos que afetam a capacidade de um indivíduo adquirir, processar, organizar, armazenar ou usar informações de forma eficaz. Essas dificuldades podem manifestar-se de diversas formas e em diferentes áreas do conhecimento, prejudicando significativamente o desempenho escolar. Fonseca (2015) afirma que as dificuldades de aprendizagem são amplamente influenciadas por fatores cognitivos, emocionais e sociais, o que torna cada caso único e demanda uma abordagem individualizada.

Ele afirma:

As dificuldades de aprendizagem não resultam apenas de uma falha nos processos cognitivos, mas são amplamente influenciadas por fatores emocionais e sociais. O indivíduo que não é capaz de atender às expectativas educacionais impostas pode sofrer com baixa autoestima, isolamento social e estigmatização, o que agrava ainda mais suas dificuldades (FONSECA, 2015, p. 47).

Abaixo estão algumas das principais dificuldades de aprendizagem, elencadas e teoricamente embasadas:

Dislexia

A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem que se manifesta na leitura e escrita, afetando a capacidade de decodificar e reconhecer palavras. Coll et al. (2006) explicam que essa condição interfere na habilidade do aluno de associar sons às letras, prejudicando o entendimento dos textos. Para Fonseca (2015), o diagnóstico precoce e o uso de métodos fonéticos estruturados são essenciais para ajudar o aluno a superar os obstáculos impostos pela dislexia.

Discalculia

A discalculia refere-se a uma dificuldade no entendimento de conceitos numéricos e no uso de operações aritméticas. Crianças com discalculia podem ter problemas com a compreensão de quantidades, ordens de grandeza e até mesmo noções temporais e espaciais. Coll et al. (2006) ressaltam que, sem intervenções específicas, a discalculia pode prejudicar seriamente o desempenho em disciplinas exatas.

Disortografia

A disortografia afeta a capacidade de aplicar corretamente as regras ortográficas, resultando em erros persistentes na escrita. Associada frequentemente à dislexia, a disortografia requer metodologias específicas para ajudar o aluno a memorizar padrões ortográficos e aprimorar sua expressão escrita (FONSECA, 2015).

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)

O TDAH caracteriza-se pela desatenção, hiperatividade e impulsividade, o que interfere na capacidade de concentração e no controle emocional. Damásio (1996) sugere que o TDAH envolve questões neurobiológicas que afetam o autocontrole do aluno, muitas vezes resultando em comportamentos disruptivos na sala de aula.

Transtorno do Processamento Auditivo

O transtorno do processamento auditivo interfere na interpretação correta de sons, apesar de uma audição normal. Segundo Fonseca (2015), alunos com essa dificuldade podem ter problemas para entender instruções e focar em ambientes com muito ruído, prejudicando o desempenho escolar.

Fonseca (2015) destaca que o diagnóstico precoce dessas dificuldades faz toda a diferença no desempenho acadêmico dos alunos, mas também adverte que o simples diagnóstico não basta para resolver o problema. É necessário um acompanhamento contínuo por parte de uma equipe multidisciplinar composta por psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos, a fim de elaborar estratégias de intervenção adaptadas às necessidades específicas do aluno. A escola, portanto, desempenha um papel fundamental na identificação e na implementação de planos de intervenção que contribuam para o desenvolvimento desses alunos.

Comportamento Disruptivo

O comportamento disruptivo, por sua vez, refere-se a ações que interrompem o fluxo normal da sala de aula, interferindo no processo de ensino-aprendizagem. Essas ações podem incluir agitação excessiva, agressividade, desatenção crônica, entre outros comportamentos que prejudicam tanto o aluno que os apresenta quanto seus colegas e professores.

Damásio (1996) aborda a questão do comportamento disruptivo sob uma perspectiva neuropsicológica, associando esses comportamentos a falhas no controle emocional e dificuldades na autorregulação. Ele argumenta que:

O comportamento disruptivo é, muitas vezes, uma tentativa inconsciente de lidar com emoções intensas que o indivíduo não consegue verbalizar ou compreender completamente. A disfunção no circuito neural que regula a tomada de decisão e o controle de impulsos pode resultar em comportamentos que perturbam não só o ambiente educacional, mas também a própria capacidade do aluno de se engajar em atividades cognitivas de forma eficaz (DAMÁSIO, 1996, p. 123).

Esses comportamentos são especialmente frequentes entre alunos que enfrentam dificuldades de aprendizagem, como no caso do aluno "Verde", descrito no estudo de caso. A frustração por não conseguir acompanhar o ritmo das atividades escolares pode se traduzir em atitudes de oposição, desobediência ou, em alguns casos, isolamento social. Essa combinação de fatores cria um ciclo vicioso em que o comportamento do aluno impede seu aprendizado e, ao mesmo tempo, suas dificuldades de aprendizagem alimentam seu comportamento disruptivo.

Para Coll, Martín e Mauri (2006), o comportamento disruptivo também está associado a fatores externos, como o ambiente familiar e as relações interpessoais dentro e fora da escola. Eles destacam que:

Muitas vezes, o comportamento disruptivo está relacionado à ausência de uma estrutura familiar estável ou à falta de apoio emocional. A escola se torna, então, o único espaço onde o aluno pode expressar suas frustrações, o que gera conflitos entre suas necessidades emocionais e as expectativas de comportamento dentro da sala de aula (COLL, MARTÍN e MAURI, 2006, p. 89).

Diante disso, é essencial que a escola adote uma abordagem que não apenas gerencie os comportamentos disruptivos, mas que também identifique as causas subjacentes. Isso exige uma equipe preparada para lidar com questões emocionais e sociais que afetam o aluno e, ao mesmo tempo, um sistema de ensino que ofereça suporte contínuo e personalizado.

Teorias Educacionais

O estudo das dificuldades de aprendizagem e do comportamento disruptivo não pode ser dissociado das teorias educacionais que orientam a prática pedagógica. As ideias de Vygotsky, Freire e Libâneo são centrais para a compreensão de como esses desafios devem ser abordados no contexto escolar.

Lev Vygotsky (2007) propôs uma visão sociocultural do desenvolvimento cognitivo, na qual a aprendizagem é vista como um processo mediado por interações sociais. Para ele, o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre por meio da mediação de adultos e pares mais experientes, sendo fundamental a criação de uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP), onde a criança é desafiada a realizar tarefas com o apoio de um mediador.

Vygotsky (2007) argumenta que:

A aprendizagem não é simplesmente a aquisição de conhecimentos, mas um processo social no qual a mediação e a interação entre indivíduos desempenham papéis centrais. As crianças que enfrentam dificuldades de aprendizagem precisam de apoio constante para superar seus desafios, e esse apoio deve ser planejado de maneira a promover seu desenvolvimento máximo, respeitando suas capacidades atuais e incentivando o progresso (VYGOTSKY, 2007, p. 58).

Essa perspectiva é particularmente relevante no caso de alunos como o "Verde", cuja dificuldade em acompanhar o ritmo das atividades escolares pode ser mitigada pela intervenção de um mediador capacitado que promova uma aprendizagem colaborativa, respeitando suas limitações e oferecendo apoio individualizado.

Paulo Freire (2004), por sua vez, enfatiza a necessidade de uma pedagogia da autonomia, em que o aluno é visto como um sujeito ativo em seu próprio processo de aprendizagem. Ele acredita que a educação deve ser dialógica, envolvendo a construção do conhecimento de forma conjunta entre professor e aluno. Freire defende que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. O professor deve estar atento às necessidades do aluno e estimular seu senso crítico, permitindo que ele se torne protagonista de seu próprio aprendizado" (2004, p. 36).

Essa abordagem dialógica pode ser aplicada em alunos com dificuldades de aprendizagem ao reconhecer que, embora possuam limitações, eles são capazes de construir conhecimento a partir de suas próprias experiências e interações.

Libâneo (2013) complementa essas ideias ao afirmar que a escola precisa ser um espaço inclusivo, onde se considere a diversidade de necessidades e capacidades dos alunos. Ele propõe uma didática crítica que vai além da simples transmissão de conteúdos e enfatiza a importância da mediação pedagógica para a superação de dificuldades cognitivas e comportamentais. Segundo ele:

A didática precisa ser vista como um campo de práticas mediadoras que levem em consideração as particularidades de cada aluno. O professor não pode atuar de forma padronizada, mas deve adaptar suas práticas ao perfil de seus alunos, promovendo uma educação inclusiva que valorize a individualidade e as potencialidades de cada um (LIBÂNEO, 2013, p. 95).

Essa visão integradora sugere que a escola deve adotar estratégias flexíveis e individualizadas, de modo a atender alunos como "Verde", que apresentam dificuldades de aprendizagem e comportamento disruptivo. A mediação pedagógica, nesse contexto, torna-se uma ferramenta essencial para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e efetivo.

ESTUDO DE CASO: ALUNO "VERDE"

O estudo de caso do aluno "Verde" ilustra de maneira clara a complexidade das dificuldades de aprendizagem associadas aos comportamentos disruptivos e como esses fatores se entrelaçam, impactando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. A análise do caso de Verde, à luz das teorias discutidas na fundamentação teórica, evidencia como esses comportamentos emergem de uma série de fatores cognitivos, emocionais e sociais.

Características do Aluno Verde

Verde apresenta dificuldades evidentes na fala e na escrita, manifestando sintomas de transtornos de aprendizagem que aparentam ser dislexia e disortografia. Essas dificuldades se refletem na sua incapacidade de compreender e seguir instruções textuais de forma eficaz, o que interfere no seu progresso acadêmico. Além disso, ele demonstra grande dificuldade em manter o foco nas atividades escolares, apresentando comportamentos disruptivos que vão desde a agitação física até a desatenção prolongada.

De acordo com Fonseca (2015), dificuldades como as de Verde estão frequentemente associadas a transtornos específicos, como dislexia, que afeta a fluência na leitura e na escrita, e disortografia, que compromete a habilidade de aplicar regras ortográficas. Esses transtornos dificultam a interação de Verde com as atividades propostas em sala de aula, criando um ciclo de frustração e fracasso que amplifica suas dificuldades. "As dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, são transtornos neurológicos que afetam a capacidade do aluno de processar informações de maneira eficaz, o que exige intervenções pedagógicas específicas e contínuas" (FONSECA, 2015, p. 50).

Além dessas dificuldades cognitivas, os comportamentos disruptivos de Verde podem ser interpretados à luz da teoria neuropsicológica de Damásio (1996), que sugere que tais comportamentos são, muitas vezes, uma forma de externalizar frustrações emocionais que não podem ser verbalizadas. Verde, incapaz de expressar suas dificuldades de forma adequada, recorre a comportamentos como a agitação física ou a desatenção como uma maneira de lidar com suas emoções internas. A teoria de Damásio nos ajuda a entender que esses comportamentos disruptivos não são

meramente desobediência ou falta de disciplina, mas sim uma reação à sobrecarga emocional e cognitiva que o aluno enfrenta. Como Damásio (1996) explica:

A dificuldade de regulação emocional, muitas vezes, está na raiz de comportamentos disruptivos observados em sala de aula. Quando o aluno não consegue processar suas frustrações e dificuldades cognitivas, ele manifesta isso através de ações que desestabilizam o ambiente, como uma forma de aliviar sua própria tensão interna (DAMÁSIO, 1996, p. 125).

Esse aspecto emocional é de extrema relevância no caso de Verde, pois suas dificuldades de aprendizagem estão intimamente ligadas a seu comportamento disruptivo. Ao não conseguir compreender as atividades escolares, ele se frustra e responde com agitação e distração, comprometendo ainda mais sua relação com os colegas e professores, e agravando o seu desempenho acadêmico.

Relação com a Fundamentação Teórica

A partir da perspectiva sociocultural de Vygotsky (2007), é possível entender o papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo de Verde. Segundo Vygotsky, o aprendizado ocorre por meio da mediação de interações sociais e do uso de ferramentas culturais, que ajudam o aluno a avançar em seu desenvolvimento. Para Verde, suas dificuldades na fala e na escrita indicam que ele se encontra fora de sua zona de desenvolvimento proximal (ZDP), onde, sem a ajuda adequada de um mediador, ele não consegue avançar cognitivamente. Vygotsky (2007) defende que a aprendizagem ocorre por meio da mediação de interações sociais e da criação de uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), onde o aluno pode superar suas limitações com o apoio de um mediador capacitado. No caso de "Verde", observa-se que, sem a mediação adequada, o aluno fica preso em uma zona de estagnação, na qual suas dificuldades de leitura e escrita não são superadas. Em sala de aula, ele não consegue acompanhar as atividades propostas, o que intensifica sua frustração e resulta em comportamentos disruptivos. Nas palavras de Vygotsky: "O aprendizado é o motor do desenvolvimento, e a interação com outras pessoas, especialmente com adultos ou pares mais capazes, é o que possibilita que a criança transcenda suas capacidades iniciais e alcance novos níveis de entendimento" (2007, p. 60).

A falta de uma intervenção pedagógica adequada impede que ele avance dentro de sua ZDP, o que reforça sua frustração e os comportamentos disruptivos observados. Sem a devida mediação, Verde acaba por "encontrar formas alternativas de lidar com suas dificuldades, ainda que de maneira desajustada", como o comportamento disruptivo que manifesta em sala de aula.

Paulo Freire (2004), com sua pedagogia da autonomia, também oferece um olhar fundamental para o caso de Verde. Freire defende que o aluno deve ser protagonista de seu próprio aprendizado, sendo tratado como um sujeito ativo na construção do conhecimento. Contudo, para que Verde assuma esse papel, ele precisa ser compreendido em sua totalidade e ser colocado no centro do processo educacional. Freire destaca: "O respeito à autonomia e à dignidade



de cada aluno exige que a prática educativa seja centrada no desenvolvimento das capacidades do sujeito, respeitando sua singularidade e criando condições para que ele possa ser agente de sua própria aprendizagem" (FREIRE, 2004, p. 40).

No entanto, o cenário vivido por Verde revela que sua autonomia está limitada por suas dificuldades de aprendizagem não tratadas e pelos comportamentos que interrompem seu progresso. A pedagogia de Freire sugere que, para desbloquear o potencial de Verde, é necessário um ambiente pedagógico em que ele se sinta acolhido, onde suas dificuldades sejam reconhecidas, e onde ele seja incentivado a explorar suas capacidades. Para Freire, "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. O professor deve estar atento às necessidades do aluno e estimular seu senso crítico, permitindo que ele se torne protagonista de seu próprio aprendizado" (2004, p. 36).

A implementação de uma pedagogia freiriana na sala de "Verde" seria essencial para promover sua autonomia e ajudá-lo a se engajar no processo educacional de forma mais ativa e motivada. Práticas como o diálogo constante e atividades colaborativas são necessárias para que ele possa reconstruir sua autoestima e se sentir parte do ambiente escolar, assumindo um papel mais ativo em seu aprendizado.

Libâneo (2013), por sua vez, reforça a importância de uma mediação didática inclusiva e diversificada. A didática crítica proposta por Libâneo enfatiza que a escola deve adotar práticas pedagógicas que considerem a heterogeneidade dos alunos. Ele argumenta que, diante de situações como as de Verde, os professores não podem atuar de forma padronizada, mas devem adaptar suas estratégias de ensino para atender às necessidades específicas de cada aluno:

A mediação pedagógica é fundamental para que o aluno consiga superar suas dificuldades de aprendizagem. Ao oferecer uma abordagem inclusiva e diferenciada, a escola possibilita que o aluno, independentemente de suas limitações, participe do processo de aprendizagem de forma ativa e produtiva (LIBÂNEO, 2013, p. 101).

Libâneo (2013) reforça que a escola deve ser um espaço inclusivo, no qual as práticas pedagógicas sejam adaptadas às necessidades individuais dos alunos. Ele argumenta que as dificuldades de aprendizagem, como as enfrentadas por "Verde", não podem ser abordadas de maneira padronizada, exigindo uma mediação pedagógica diferenciada que leve em conta as particularidades de cada aluno.

No contexto de "Verde", a falta de adaptação didática intensifica seu isolamento e limita suas oportunidades de progresso. A aplicação da didática inclusiva proposta por Libâneo sugere a necessidade de metodologias ativas e lúdicas, que engajem o aluno de forma individualizada e respeitem seu ritmo de aprendizagem. A utilização de materiais adaptados, como tecnologias assistivas, e o fortalecimento da mediação pedagógica são essenciais para criar um ambiente inclusivo onde "Verde" possa sentir-se valorizado e capaz de aprender.

Damásio (1996) argumenta que muitos comportamentos disruptivos têm sua origem na incapacidade do aluno de lidar com suas emoções, especialmente em contextos de frustração acadêmica. No caso de "Verde", seus

comportamentos disruptivos, como a agitação e a desatenção, podem ser entendidos como tentativas inconscientes de lidar com as dificuldades que enfrenta diariamente em sala de aula. Para Damásio,

A dificuldade de regulação emocional muitas vezes está na raiz de comportamentos disruptivos observados em sala de aula. Quando o aluno não consegue processar suas frustrações e dificuldades cognitivas, ele manifesta isso através de ações que desestabilizam o ambiente, como uma forma de aliviar sua própria tensão interna (1996, p. 125).

Portanto, as dificuldades de aprendizagem de "Verde" estão diretamente ligadas à sua frustração e aos comportamentos que ele apresenta em sala de aula. Para tratar esses comportamentos, é necessário não apenas lidar com o aspecto comportamental, mas também com as causas subjacentes, promovendo um ambiente emocionalmente seguro e acolhedor, que permita ao aluno expressar suas dificuldades e encontrar soluções adequadas.

A relação entre a fundamentação teórica e o caso de "Verde" mostra que suas dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos não podem ser abordados de forma isolada ou superficial. As teorias de Vygotsky, Freire, Libâneo e Damásio destacam a importância de uma mediação pedagógica personalizada, que valorize o diálogo e a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, além de uma abordagem emocionalmente segura que reconheça as causas dos comportamentos disruptivos. Essas teorias oferecem um caminho claro para reestruturar o ambiente de ensino de "Verde", garantindo que ele tenha as ferramentas e o suporte necessários para superar suas dificuldades e alcançar seu pleno desenvolvimento.

Intervenções Didáticas Propostas

Com base na análise do caso de Verde e na fundamentação teórica, várias intervenções pedagógicas podem ser sugeridas para lidar com suas dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos:

1. **Mediação Pedagógica Personalizada:** Seguindo as diretrizes de Vygotsky (2007), Verde necessitará de um mediador capacitado que possa trabalhar com ele individualmente ou em pequenos grupos, dentro de sua ZDP, auxiliando-o a superar suas dificuldades por meio de interações sociais estruturadas.

2. **Utilização de Tecnologias Assistivas:** Considerando suas dificuldades na escrita e leitura, o uso de tecnologia assistiva, como softwares de leitura e escrita digital, pode ajudar Verde a acompanhar o conteúdo curricular de forma mais eficaz, facilitando o acompanhamento das atividades propostas e permitindo que alunos como 'Verde' avancem de acordo com seu ritmo individual, respeitando suas limitações e potencializando suas habilidades

3. **Apoio Psicopedagógico Contínuo:** Conforme Freire (2004) e Damásio (1996), Verde precisa de um acompanhamento psicopedagógico contínuo que o ajude a desenvolver suas competências emocionais e cognitivas, identificando e tratando suas frustrações e dificuldades emocionais.

4. **Metodologias Ativas e Lúdicas:** A incorporação de atividades lúdicas e colaborativas, conforme defendido por Libâneo (2013), pode aumentar o engajamento de Verde em sala de aula, reduzindo o impacto de seus

comportamentos disruptivos e promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo. Atividades lúdicas, por exemplo, são ferramentas poderosas para engajar alunos com dificuldades de aprendizagem. O uso de jogos educacionais e dinâmicas em grupo permite que os alunos participem de forma ativa e lúdica, o que reduz a ansiedade e o estresse que frequentemente acompanham o desempenho acadêmico.

5. **Reforçar a Importância da Formação Continuada de Professores:** A formação continuada de professores é fundamental para capacitá-los a lidar com a diversidade em sala de aula, especialmente em relação a alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos. Freire (2004) destaca que o papel do educador não é apenas transmitir conteúdos, mas atuar como mediador no desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais. Para isso, é necessário que os professores tenham acesso a uma formação específica que os capacite a reconhecer e intervir de forma eficaz nos diferentes perfis de alunos. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), por exemplo, oferece uma experiência prática valiosa para os futuros docentes, aproximando-os da realidade escolar e permitindo que desenvolvam estratégias pedagógicas inclusivas desde o início de sua carreira.

6. **Discussão sobre a Parceria Escola-Família:** O sucesso das intervenções pedagógicas para alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos também depende de uma parceria sólida entre a escola e a família. Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento cognitivo da criança está fortemente relacionado às interações sociais, e o ambiente familiar exerce uma influência significativa nesse processo. Para que as estratégias aplicadas na escola tenham efeito duradouro, é fundamental que a família esteja ciente das necessidades do aluno e participe ativamente no acompanhamento das atividades e progressos. Reuniões periódicas entre pais e professores, assim como o suporte de especialistas, são essenciais para criar um ambiente harmonioso tanto em casa quanto na escola, garantindo a consistência das intervenções.

7. **Aprofundar a Discussão sobre Inclusão Escolar:** A inclusão escolar não se refere apenas à integração de alunos com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem em classes regulares, mas à criação de um ambiente em que todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham oportunidades iguais de participar e aprender. De acordo com Libâneo (2013), a inclusão é um princípio básico de justiça social, que exige adaptações curriculares e pedagógicas para atender às diferentes necessidades dos alunos. Isso inclui, por exemplo, o uso de materiais didáticos diferenciados, a flexibilização das atividades e avaliações, e o respeito ao ritmo individual de cada aluno. Práticas inclusivas e acolhedoras em uma escola devem ir além das simples adaptações físicas ou curriculares. Envolver-se com o aluno e suas necessidades exige uma série de ações que promovam um ambiente colaborativo e participativo, como:

a) **Flexibilidade curricular:** Adaptar o currículo e as metodologias de ensino para atender às diversas formas de aprender, utilizando recursos como tecnologia assistiva e materiais didáticos acessíveis.

b) **Mediação pedagógica:** A presença de mediadores educacionais, como professores especializados, psicopedagogos e outros profissionais, que auxiliem os alunos no processo de superação de suas dificuldades.

c) **Atenção às relações interpessoais:** A escola precisa promover o respeito às diferenças e a solidariedade entre alunos, combatendo qualquer forma de preconceito ou discriminação. Isso inclui a promoção de atividades que desenvolvam empatia e colaboração, como trabalhos em grupo e projetos coletivos.

d) Envolvimento da comunidade: A inclusão não se limita aos muros da escola. Uma escola acolhedora e inclusiva promove a participação ativa das famílias e da comunidade, criando redes de apoio que fortalecem o processo educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu uma análise aprofundada dos desafios enfrentados por alunos com dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos no contexto escolar, a partir do estudo de caso de um aluno real, referido como "Verde" para preservar sua identidade. A investigação, proposta aos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), proporcionou uma oportunidade valiosa para que os futuros docentes pudessem aplicar teorias educacionais em um contexto prático, compreendendo os impactos diretos dessas dificuldades no ambiente escolar.

As dificuldades de aprendizagem observadas em "Verde", como dislexia, discalculia, disortografia e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), impactam diretamente o desempenho acadêmico e emocional do aluno. Com base nas teorias de Vygotsky, Freire, Libâneo e Damásio, identificou-se que a mediação pedagógica, a promoção da autonomia do aluno e o apoio à regulação emocional são fundamentais para enfrentar esses desafios.

Vygotsky (2007) nos lembra que o desenvolvimento cognitivo ocorre através da interação social e da mediação pedagógica dentro da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), onde o aluno pode avançar em sua aprendizagem com o devido suporte. No caso de "Verde", observou-se que suas dificuldades de aprendizagem não foram suficientemente mediadas, o que gerou frustrações e resultou em comportamentos disruptivos, como apontado por Damásio (1996). Esses comportamentos disruptivos, longe de serem apenas problemas de disciplina, refletem a dificuldade do aluno em regular suas emoções diante das barreiras acadêmicas.

A pedagogia de Freire (2004) reforça a necessidade de criar condições para que o aluno seja sujeito ativo de seu aprendizado. "Verde" necessita de um ambiente que reconheça suas dificuldades, mas que, ao mesmo tempo, o capacite a participar ativamente do processo de aprendizagem, promovendo sua autonomia. Para isso, a mediação pedagógica deve ser mais que um auxílio técnico; ela deve ser acolhedora, incentivando o aluno a superar suas limitações.

Libâneo (2013) complementa essa visão, destacando que a escola deve ser um espaço inclusivo e adaptável, onde a didática seja moldada às necessidades individuais dos alunos. No caso de "Verde", a utilização de tecnologias assistivas e metodologias ativas teria sido um meio eficaz de integrar o aluno ao ambiente escolar, proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para enfrentar suas dificuldades.

Além disso, as observações feitas pelos pibidianos destacam a importância de um trabalho interdisciplinar para atender às necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem. O sucesso de qualquer intervenção depende da colaboração entre professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos e a família, criando uma rede de apoio capaz de

promover o desenvolvimento integral do aluno. A formação continuada de professores é, portanto, essencial para capacitá-los a lidar com a diversidade de perfis em sala de aula e a implementar práticas pedagógicas que sejam, de fato, inclusivas.

Portanto, conclui-se que uma educação verdadeiramente inclusiva vai além de simples adaptações curriculares. Ela exige um compromisso coletivo, onde professores, especialistas e família trabalham juntos para criar um ambiente de aprendizado que seja acolhedor e capaz de atender às necessidades individuais de cada aluno. O caso de "Verde" demonstra a importância de uma abordagem multidisciplinar, que reconheça e valorize as particularidades dos alunos, proporcionando-lhes as condições adequadas para seu desenvolvimento acadêmico e emocional.

REFERÊNCIAS

- COLL, César; MARTÍN, Elena; MAURI, Teresa. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.
- DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FONSECA, Vitor da. Psicopedagogia: uma introdução clínica, neuropsicológica e interdisciplinar. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

